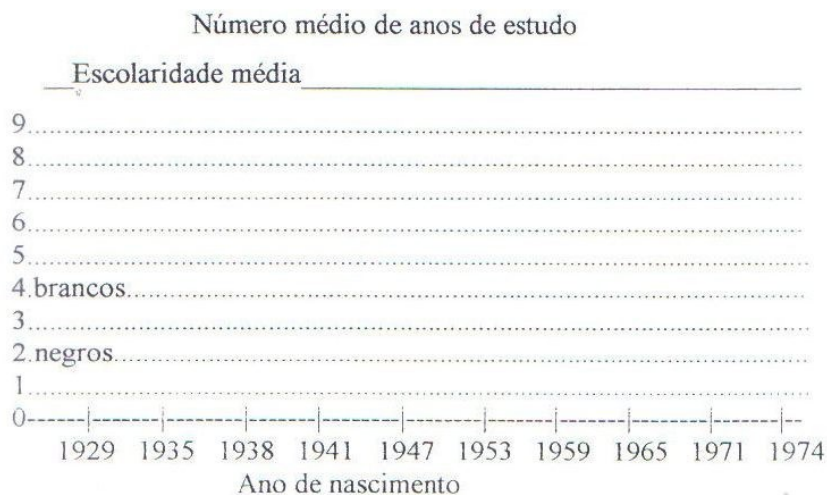


portanto, não surpreende porque o assunto de quotas somente agora é incluído na pauta de discussão. Mesmo assim, vale lembrar, devemos ficar vigilantes para as possíveis reações que vão partir dos privilegiados que até agora usufruem das riquezas e benefícios sociais produzidos no Brasil, pois, possivelmente, serão muitas as argumentações para tentar escamotear o fato inequívoco de que a reivindicação de implantação de uma política de quotas na UNEB se justifica pela permanência do racismo como um mecanismo perverso de exclusão social de negros e negras na sociedade brasileira.

Um estudo do IPEA, intitulado: Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90, publicado em 2001, (vide anexo) conclue que embora, de um modo geral, os indicadores econômico-sociais tenham evoluído favoravelmente para todos, o paralelismo nas curvas ascendentes, se se considera a evolução segundo as categorias: negros (preto e pardos) e brancos, reproduz-se como uma constante. Vejamos o exemplo da escolaridade média entre negros e brancos com mais de 25 anos de idade para o período de 1929 a 1974:



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD) de 1999.

O estudo mencionado informa com base no gráfico, que há um diferencial permanente de 2,3 anos de estudo entre negros e brancos de várias gerações, com vantagens para os brancos. Esta diferença é bastante considerável se levarmos em conta que a escolaridade média dos brasileiros adultos gira em torno de 6 anos apenas. Conclue, o estudo: "as curvas ali descritas parecem construídas com intencional paralelismo, descrevendo, com requinte, a inércia do padrão de discriminação racial observado em nossa sociedade".

Esta tendência de desigualdade racial se reproduz em outros indicadores sociais tais como: incidência da pobreza, renda apropriada por brancos e negros, desemprego,

*[Assinatura]*

*[Assinatura]*